

Neste momento em que se tenta mais uma vez controlar nossa indomável inflação, colhem-se as mais desencontradas opiniões sobre o Plano FHC. A que atribuir avaliações tão conflitantes? Será a realidade do fenômeno inflacionário tão complexa a ponto de desmoralizar a rigidez da maioria das óticas dos economistas? Ou será que não conseguimos evitar o partidarismo e os grilhões da ideologia? Um olhar mais atento mostrará o quanto o distanciamento crítico é raro entre nós. É comum demonstrar-se em conversas informais, em resenhas e até em ambientes acadêmicos entusiasmo por produtos intelectuais que combinam com astúcia, ideologia e emoção. Ocorre também de a fama conquistada, merecida ou não, induzir ao pré-julgamento favorável. Poucas vezes se arrojam boas razões capazes de amplamente justificarem as generosas avaliações feitas sob o impulso da emoção e o esquematismo da ideologia. Se alguém é instado a justificar por que cumula de elogios um disco, um livro, um artigo etc., é comum tentar enviesadamente transformar uma efusiva manifestação de amizade ou uma forte vinculação a uma mesma visão de mundo em argumentos pouco convincentes a favor de seus méritos. Em contrapartida, quantos e quantos universitários aplicam rótulos depreciativos a autores e linhas de pensamento jamais objetivamente estudados, raramente lidos. É pouco comum, entre nós, a postura estritamente preocupada em avaliar, da forma menos preconceituosa possível, os produtos intelectuais.

Daí não tirarmos proveito, na intensidade desejável, do intercâmbio entre óticas rivais. Tentemos a aplaudir ou apupar linhas de pensamento sem que tenhamos promovido a penosa deglutição que nos permite aferir seu real valor.

Não somos uma cultura muito afeita ao pluralismo político-intelectual. Isto por várias razões. Em primeiro lugar, porque nos vinculamos predominantemente a tradições fisiológicas que acreditam, de for-

benesses simbólicas e materiais a seus membros. Aos amigos tudo, aos inimigos o rigor da lei.

No fundo, o "patotismo" exacerbado é a corrupção sublimadamente deslocada para o mundo das idéias. E só será atenuado com a prevalecência de critérios de avaliação dos produtos intelectuais que se mostrem capazes não só de aferir qualidades e méritos intrínsecos como também de neutralizar a ingerência do dueto

O FATO DE UM AUTOR SER "POLITICAMENTE CORRETO" POUCO OU NADA TEM A VER COM A QUALIDADE DE SUA OBRA

ma dogmática, na Verdade. E, se estamos certos de que temos acesso à Verdade, para que prestar atenção no outro, na diferença, na diversidade de óticas? Em segundo lugar, porque nossas classificações éticas do certo e do errado e estéticas do belo e do feio apresentam sempre brechas para acomodar, na prática, explícitas manifestações de afeições intelectuais ou de convergências partidárias. Quando o componente ideológico, em sentido lato, não predomina é porque estratégias de consolidação ou de ampliação do poder do grupo estão a merecer prioridade. Em terceiro lugar, porque o Brasil é um país de patotas: há uma forte tendência a criarem-se guetos, sobretudo nos espaços devotados à produção intelectual, no interior dos quais se distribuem

ideologia e emoção. Uma obra precisa ser vista como digna de encômios e/ou críticas pelo que veicula e não por ter sido forjada por fulano ou beltrano. Não há necessidade de concordarmos com o que lemos, vemos e ouvimos. O fundamental é ficarmos com a sensação de que estamos experimentando um alargamento de nossos horizontes interpretativos. E para tanto precisamos ter receptividade crítica a tudo que nos chega como produto intelectual. A unanimidade, como diria Nelson Rodrigues, é burra. O fato de um autor ser "politicamente correto" pouco ou nada tem que ver com a qualidade de sua obra. Ideologia é tomar partido no conflito de posições/interpretações. Contribuição à arte ou à ciência é ampliação do número de janelas para o

mundo — real e virtual — até então conhecidas. É claro que podemos ter posição definida sem que nos tornemos cegos para os muitos horizontes já descortinados e para os muitos outros que ainda podem ser inventados e/ou descobertos.

Dizia-se, à época do autoritarismo, que o modesto desenvolvimento das ciências e artes brasileiras se devia à censura e ao cerceamento do progresso de criação. Que com a redemocratização viriam à tona não só as obras jogadas no porão do obscurantismo como também seria liberada a efervescência da criatividade intelectual. A verdade é que nada disso aconteceu porque os surtos de originalidade criativa não obedecem à "lógica" da vida político-econômica. Marx foi obrigado a reconhecer, apesar de seu materialismo histórico tender a ver a vida espiritual como reflexo dos condicionantes da base econômica, que o difícil não é compreender que a arte grega está ligada a certas formas de desenvolvimento social, e sim que ainda hoje nos proporcione prazer artístico e sirva de intangível modelo. Ora, se podemos, longe no tempo, continuar a nos embeber com uma obra de arte gestada no interior de outra Cultura, isso significa que tem qualidades intrínsecas que não poderiam ser negadas sequer pelos inimigos de seu criador. E esta é a essência da vida cultural.

O AUTOR
Alberto
Oliva é
professor
de Filosofia
da UFRJ

